

Um banco de investimento quer *vender* projecto de lei a deputado democrata-cristão há 40 anos sem intervenção no plenário da Assembleia da República. Quem é João Félix Filostrato? a que se deve esse silêncio? Em iniciativa mediada pela assessora do grupo parlamentar, Salomé, que promove encontro com o economista-chefe João Félix Exposto, Nádía e o estagiário João Félix, também narrador, sobressai a jornalista Joana, por quem passa a história do eleito por Vila Franca e a solução de alguns enigmas. Na sombra, cresce deputada da oposição, cuja biografia se enlaça na deste. Como se organiza *a queda de um anjo*? Entre comportamentos oblíquos e identidades sempre esquivas, um deputado-borboleta da extrema-esquerda torna-se vítima de predadoras e perdedoras, que visam vingança em várias frentes.

Quase dois séculos de regime parlamentar e discursos inócuos ou repetitivos reflectem outros tantos *passos perdidos* que a Constituição de 1975 e legislaturas fracas não transformaram. Reflexão sobre a democracia em semana pascal, esta fábula política é salva, no final, por um bem enredado discurso amoroso.

Desaguávamos em sala-corredor envernizada, espaçosa, vazia, com um tecto magnífico abobadado em berço e luz natural de clarabóia de ferro e vidro amarelo-rosado. Respondendo a três figuras alegóricas pintadas em cada um dos extremos do tecto, havia, no mármore branco e rosa das paredes (onde adossavam 18 pilares duplos), seis painéis a óleo sobre tela de Columbano Bordalo Pinheiro, representando 22 personagens desde o século XIII, velhos heróis da pátria (a descrição miúda seria ociosa), que, «no entender de jovens eleitos – sussurrava ela –, deveriam dar lugar a novos ícones»: às curvas de actriz de seios e pernas sempre disponíveis, a saltimbanco de televisão, a *chairman* ou futebolista com vencimentos obscenos, aos filósofos da bola – ralos das noites televisivas, que nos adormecem, e fazem escola sem pensar –, a um deputado de esquerda e da moda, muito entrevistado, ultimamente, que troca esta *passerelle* dos eleitos do povo pelos salões dos grandes estilistas.

– Os Passos Perdidos – anunciou.

O nome definia o reino, desde há nove séculos, na diferença entre os visionários D. Henrique e filho Afonso e o desleixo dos actuais representantes. Dava um belo título de romance.

Ernesto Rodrigues

Passos Perdidos

ERNESTO RODRIGUES

# PASSOS PERDIDOS



Ancora  
editora

ERNESTO RODRIGUES (Torre de Dona Chama, 1956) é poeta, ficcionista, cronista, crítico, ensaísta, editor literário e tradutor de húngaro. Antigo jornalista e leitor de Português na Universidade de Budapeste, é docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Celebrou 40 anos de vida literária (1973-2013) com *Do Movimento Operário e Outras Viagens*, poesia, e *A Casa de Bragança*, romance. Outros, na ficção: *Várias Bulhas e Algumas Vítimas*, 1980; *A Flor e a Morte*, 1983; *A Serpente de Bronze*, 1989; *Torre de Dona Chama*, 1994; *Histórias para Acordar*, 1996; *O Romance do Gramático*, 2011.

Salientam-se, no ensaio: *Mágico Folhetim. Literatura e Jornalismo em Portugal*, 1998; *Cultura Literária Oitocentista*, 1999; *Verso e Prosa de Novecentos*, 2000; *Visão dos Tempos. Os Óculos na Cultura Portuguesa*, 2000; *Crónica Jornalística. Século XIX*, 2004; *A Corte Luso-Brasileira no Jornalismo Português (1807-1821)*, 2008; *‘O Século’ de Lopes de Mendonça: O Primeiro Jornal Socialista*, 2008; *5 de Outubro. Uma Reconstituição*, 2010. Editou, entre outros: Padre António Vieira, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Ramalho Ortigão, Augusto Moreno, José Marmelo e Silva, António José Saraiva e *Fastigínia*, de Tomé Pinheiro da Veiga. Com Amadeu Ferreira, seu sucessor à frente da Academia de Letras de Trás-os-Montes, organizou *A Terra de Duas Línguas. Antologia de Autores Transmontanos*, 2 vols. (2011, 2013).



COLEÇÃO  
Holograma